

THE THING AROUND YOUR MARRIAGE: UMA ANÁLISE DA MULHER NEGRA E IMIGRANTE EM DOIS CONTOS DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

THE THING AROUND YOUR MARRIAGE: AN ANALYSIS OF THE BLACK AND IMMIGRANT WOMAN IN TWO
CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE'S SHORT STORIES

RESUMO

Pesquisa de natureza qualitativa e bibliográfica que buscou analisar a identidade de duas mulheres imigrantes que protagonizam os contos *The Thing Around Your Neck* e *The Arrangers of Marriage* de Chimamanda Ngozi Adichie. O referencial teórico usado para embasar esta pesquisa consiste nas discussões sobre os estudos pós-coloniais, de Bonnici (2012) e Ashcroft (2004), sobre identidade, de Stuart Hall (2006), sobre o feminismo negro de Davis (2016) e hooks (2014; 2019), sobre diáspora de Brah (2002), dentre outros. Percebeu-se que a diáspora sofrida pelas personagens é resultado do colonialismo, cuja consequência é a desintegração cultural e a dupla colonização dessas mulheres que sofrem diariamente com o racismo, objetificação sexual e repressão de suas culturas. Notou-se resistência das personagens por meio da descolonização cultural e do retorno ao país de origem. Finalmente, esta pesquisa proporciona visibilidade às personagens femininas e negras, além de contribuir para os estudos pós-coloniais e coadjuvar no ensino de literatura pós-colonial no Brasil, mais especificamente.

Palavras-chave: Identidade. Diáspora. Pós Colonialismo. Feminismo Negro.

ABSTRACT

The aim of this research was to analyze the identity of two immigrant women who are the protagonist of the short stories *The Thing Around Your Neck* and *The Arrangers of Marriage*, written by Chimamanda Ngozi Adichie. The theory used in the project was based on post-colonial studies with Bonnici (2012) and Ashcroft (2004), identity studies with Stuart Hall (2006), black feminism with Davis (2016) and hooks (2014; 2019), diaspora with Brah (2002), and others. It was observed that the diaspora suffered by the protagonists was a result of colonialism, which has, as a consequence, cultural disintegration and the double colonization of women, who deal with racism, objectification and repression of their culture. The characters resist through the cultural decolonization and going back to the country of origin. Considering the exposed, this research provides visibility to feminine and black characters, while contributes to post-colonial studies as well as cooperates with post-colonial literature teaching in Brazil.

Key words: Identity. Diaspora. Post Colonialism. Black Feminism.

Laura Cristina de Souza Zanetti

Mestranda, Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: lczanetti@outlook.com

Érica Fernandes Alves

Professora Doutora, Universidade Estadual de Maringá. E-mail: efalves@uem.br

Introdução

A presente pesquisa tem como objetivo realizar uma análise das mulheres imigrantes protagonistas nos contos *The Thing Around Your Neck* e *Arrangers of Marriage*¹, de Chimamanda Ngozi Adichie publicados originalmente em 2009, no livro de contos *No seu pescoço*. O referencial teórico baseia-se nas discussões sobre os estudos pós-coloniais, de Bonnici (2012) e Ashcroft (2004), sobre identidade, de Stuart Hall (2006), sobre o feminismo negro de Angela Davis (2016) e hooks (2014; 2019), sobre diáspora de Brah (2002), dentre outros.

Chimamanda Ngozi Adichie, nascida em 1977, na Nigéria, é uma escritora pós-colonial e autora dos romances *Hibisco Roxo* (2003), *Metio de um sol amarelo* (2017), *Americanah* (2013), do livro de contos *No seu pescoço* (2009) e dos não-ficcionais *Sejamos todos feministas* (2014) e *Para educar crianças feministas* (2017). Recebeu prêmios como o *Prêmio Commonwealth Writers* (2015) e *Orange Prize* (2007), além de ter seu romance *Metade de um sol amarelo* adaptado para o cinema (2013).

No conto *The Thing Around Your Neck* (*No seu pescoço*) a protagonista, uma mulher nigeriana chamada Akunna, vai morar com o tio nos Estados Unidos, mas se vê obrigada a fugir de casa quando ele tenta abusá-la sexualmente. Após o incidente, Akunna começa a trabalhar como garçoneiro em Connecticut, onde acaba tendo um relacionamento amoroso que a leva a um conflito de identidade ao perceber que seu namorado não compreende sua cultura. Em *Arrangers of Marriage* (*Os casamenteiros*) aborda-se como se dá o conflito de um casamento arranjado entre a nigeriana Chinaza, que morava na Nigéria, e um nigeriano chamado Ofodile, que se mudou para os Estados Unidos para estudar e passou a renegar sua própria cultura, como por exemplo, ao mudar seu nome para Dave. Após o casamento, a protagonista, Chinaza, precisa enfrentar, diariamente, o conflito entre sua cultura e a cultura estadunidense.

Observamos que os contos abordam aspectos da Teoria Pós-Colonial, uma vez que centralizam a vida de duas mulheres diaspóricas que se veem em meio a uma cultura diferente daquela vivida em sua terra natal. Os embates culturais e os questionamentos sobre o pertencimento e a identidade de cada uma dessas mulheres são os pontos chave para compreender o seu lugar no mundo.

O pós-colonialismo, o feminismo negro e a identidade diaspóricas de Akunna e Chinaza

A crítica literária pós-colonial sistematizou-se durante a década de 70 e buscou preservar e documentar toda a literatura escrita por povos colonizados ou que ainda hoje vivenciam as consequências da colonização e são considerados pelo imperialismo como 'selvagens' e 'primitivos', para que pudessem recuperar fontes alternativas da

¹ No título deste artigo, utilizamos os títulos dos contos no original, entretanto, por já haver tradução em língua portuguesa, optamos por utilizá-la.

força cultural desses povos, assim como reconhecer as distorções originadas pelo imperialismo e mantidas pelo sistema capitalista.

Após o domínio de grande parte do globo pelo Reino Unido, várias nações passaram a produzir sua própria literatura questionando a periferia de sua cultura no cenário mundial. Entretanto, devido aos séculos de colonização, a hegemonia cultural britânica ainda persiste. Ashcroft et. al. afirmam que:

Essa hegemonia cultural foi mantida por meio de suposições canônicas sobre a atividade literária e por meio de atitudes em relação às literaturas pós-coloniais que as identificam como ramificações nacionais isoladas da literatura inglesa e que, portanto, as relegam a posições marginais e subordinadas (ASHCROFT. ET. AL., 2004, p. 7, tradução nossa).

Apesar do mercado editorial ainda se constituir como um local exclusivamente dominado pela literatura ocidental, aos poucos os sujeitos ditos periféricos começaram a produzir e publicar sua literatura. Um aspecto interessante a esse respeito é o modo como tais escritores utilizaram-se da linguagem para reverberar sua voz de resistência. Ashcroft et. al. acrescentam que os “escritores pós-coloniais contribuíram para a transformação da literatura inglesa e para o desmantelamento dos pressupostos ideológicos que sustentaram o cânone dessa literatura como um discurso ocidental de elite” (ASHCROFT. ET. AL., 2004, p. 76, tradução nossa).

Em paralelo à Teoria Pós-Colonial surge a Teoria Feminista que, apesar de dar voz às mulheres por muito tempo silenciadas pelo patriarcalismo, recebeu algumas críticas durante as décadas de 1960 e 1970 por apresentarem uma atitude essencialista e exclusivista, ao voltar-se, a princípio, apenas às mulheres brancas, de classe média e de cultura anglo-saxã, excluindo as outras etnias e classes (hooks, 2019, p. 19-20). Apesar das críticas, tal teoria passou a discutir sobre uma política de representação e de identidade das mulheres, especialmente por meio da linguagem, além da integração da mulher marginalizada à sociedade.

Segundo Bonnici (2007, p. 25), há um consenso de que a mulher das ex-colônias teve uma experiência diferente daquela vivida pelo homem, visto que ela foi duplamente colonizada em razão da discriminação por serem sujeitos colonizados e mulheres. Essa dupla colonização da mulher causou sua objetificação sob dois aspectos: o primeiro, nas colônias invadidas, onde a descrição sexualizada do corpo feminino contribuiu para estereótipos que permanecem até hoje; o segundo, nas colônias de povoadores, onde o corpo das indígenas, principalmente, foi vitimado pelo discurso de poder e usado com o intuito de reprodução.

Bonnici (2012, p. 179-181) explica que as estratégias de descolonização de luta (Fanon) e não-violência (Ghandi) mantêm intacta a situação social e política da mulher, e mostra que uma estratégia para a libertação feminina nos países pós-coloniais pode ser a descolonização da cultura. Essa descolonização da cultura acontece, também, por meio da tradição oral, a qual obteve sucesso contra a dupla opressão

do patriarcalismo e do capitalismo, a violação da mulher no conjunto urbano, a prostituição e a marginalização da mulher nas atividades públicas. Na Jamaica, essa estratégia foi aplicada por meio do *patwah*, uma forma de língua inglesa considerada vulgar e uma maneira encontrada para que não houvesse imitação do colonizador, utilizada pelas mulheres para desmistificar os papéis femininos, a sexualidade e a violência.

Angela Davis, em *Mulheres, Raça e Classe* (2016, p. 51), discute sobre o feminismo negro e a resistência das mulheres negras, concebendo a sua opressão em três intersecções: raça, classe e gênero. Para fundamentar sua teoria, a estudiosa explica que em 1831 nasceu, nos Estados Unidos, o movimento abolicionista organizado após anos de escravidão, período no qual as mulheres sofreram em dobro por serem tratadas como desprovidas de gênero quando era necessário trabalho manual nas roças, mas tratadas como ‘fêmeas’ quando seus senhores as usavam para reprodução, ou mesmo para mostrar que de nada adiantaria resistir pois elas eram inferiores apenas por serem mulheres. A autora explica que as greves e paralisações eram, em sua maioria, lideradas por mulheres, e que, inclusive, as mulheres brancas foram atraídas para o movimento abolicionista.

Por volta de 1833, com o surgimento do jornal *Liberator*, nos Estados Unidos, além da fundação da primeira organização antiescravagista, iniciou-se uma época de violentas lutas sociais, mas que levou as mulheres de classe média baixa a serem valorizadas por conta de seu trabalho, a serem ouvidas e até a desafiar a supremacia masculina. A autora explica, com base nos estudos de Eleanor Flexner², que as abolicionistas adquiriram experiência política que as ajudou em campanhas por seus direitos mais de uma década depois, além de algumas tornarem-se poderosas oradoras e desenvolverem habilidades de captação de recursos e para o uso de petição, que seria importantíssimo para a campanha a favor do direito das mulheres (DAVIS, 2016, p. 52-54).

Davis (2016, p. 97) aponta que, mesmo depois de um quarto de século de ‘liberdade’, de acordo com o censo de 1890, mais de 1 milhão de mulheres e meninas negras com idade acima de 10 anos eram trabalhadoras assalariadas, sendo que 38,7% trabalhavam na agricultura, 30,8% nos serviços domésticos, 15,6% em lavanderias e 2,8% em manufaturas, evidenciando que a liberdade ainda estava num futuro remoto.

Como resultado da emancipação, grande parte da população negra se viu em estado de escravidão por dívidas, sendo que os mesmos papéis de escravidão eram representados em vista de pagar o que ‘deviam’ aos patrões, além de ser detida pelas autoridades por qualquer pretexto para que fosse cedida como mão de obra carcerária. Ainda nesse período, os abusos sexuais sofridos pelas mulheres antes escravizadas não foram interrompidos e houve o acréscimo de serem jogadas nas prisões caso tentassem resistir, pois eram vistas como propriedade dos homens brancos mesmo depois da emancipação. Segundo Davis, “a própria escravidão havia sido chamada,

² Eleanor Flexner (1908-1995) foi uma historiadora feminista americana, autora dos livros *Century of Struggle* (1959) e *American Playwrights, 1918-1938* (1938).

com eufemismo, de “instituição doméstica”, e as escravas eram designadas pelo inócuo termo “serviçais domésticas” (DAVIS, 2016, p. 99, grifos da autora).

Foi a partir do surgimento de movimentos associativos negros que as mulheres negras conseguiram levantar sua voz. A autora pontua, a partir da fala de Fannie Barrier Williams³, que o movimento associativo das mulheres de cor penetrou a subcondição de toda a raça, tornando-se um meio de sua ascensão social, além de ser “a luta de uma consciência esclarecida contra a sucessão de misérias sociais nascidas da tensão e da dor de um passado odioso” (DAVIS, 2016, p. 138).

hooks (2019, p. 20-39) acrescenta que o feminismo instituído a princípio pelas mulheres brancas foi um movimento polarizado. Segundo ela, “mesmo antes de raça se tornar uma questão debatida nos círculos feministas, estava claro para as mulheres negras (e para as revolucionárias aliadas da luta) que jamais alcançariam igualdade dentro do patriarcado capitalista de supremacia branca existente” (hooks, 2019, p. 20). Assim, as mulheres negras/não brancas tiveram que trilhar seu próprio caminho para que a opressão advinda do gênero, raça e classe fosse solapada. Com isso, o movimento feminista se modificou e “Ao final dos anos 1980, a maioria da bibliografia feminista refletia uma conscientização das diferenças de raça e classe” (hooks, 2019, p. 39).

Desse modo, os estudos sobre as pautas políticas em torno da mulher passaram a levar em consideração, mesmo que timidamente a princípio, a intersecção gênero, raça e classe. Além disso, pesquisas acadêmicas passaram a observar mais de perto a identidade atrelada a tais aspectos.

Sobre a identidade, Hall (2006, p. 10-13) parte de três concepções para explicá-la: a do sujeito do iluminismo, a do sujeito sociológico, e, por último, o sujeito pós-moderno. Nosso interesse nesta pesquisa recai sobre o sujeito pós-moderno discutido pelo teórico. Segundo ele, a sociedade pós-moderna faz surgir uma miríade de identidades em um mesmo sujeito, dependendo de seu lugar no mundo. Essa identidade não é fixa, ao contrário, está em constante movimento e se fragmenta ou se desloca a partir das forças contidas na sociedade.

A identidade é entendida, então, como algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, assim como de algo pertencente ao indivíduo junto a “uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir do nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos pelos outros” (HALL, 2006, p. 39, destaques do autor). Dessa maneira, Hall (2006, p. 38-39) assevera que, ao invés de falarmos de identidade como algo acabado, deveríamos usar o termo ‘identificação’, vendo a identidade como um processo em constante andamento.

Hall explica que a concepção de sujeito individual tem relação com a globalização, entendendo-a como sendo os processos atuantes numa escala global que conectam comunidades em novas combinações do espaço-tempo. Todavia, a globalização traz consequências às identidades culturais, e Hall (2006, p. 68-69) apresenta três delas: a desintegração das identidades culturais, como resultado da homogeneização

³ Frances “Fannie” Barrier Williams (1855-1944) foi uma educadora afro-americana e ativista política e defensora dos direitos das mulheres. Ela se tornou conhecida por seus esforços para que os negros fossem oficialmente representados no Conselho de Controle da Exposição Mundial da Colômbia em 1893.

cultural, identidades nacionais ou locais, que estão sendo reforçadas pela resistência à globalização, e, por fim, identidades híbridas, que estão tomando o lugar de identidades nacionais.

Finalmente, com relação às identidades nacionais, o estudioso pontua que a tentativa de unificar as identidades culturais em uma única família nacional é, também, uma forma de estruturação do poder cultural, visto que, a cada conquista, o povo vencedor tentava impor sua cultura aos conquistados, subjulgando a língua, tradições e costumes destes. Hall (2006) reconhece que é ainda mais difícil unificar a identidade em torno da raça, uma vez que esta não tem validade científica por não ser uma característica biológica ou genética, mas sim se enquadrar em uma categoria discursiva, organizadora de formas de falar, de sistemas de representação e práticas sociais que utilizam critérios baseados em cor da pele e características físicas para marcar simbolicamente, a fim de diferenciar, e até excluir, socialmente um grupo.

À identidade das protagonistas dos contos é necessário acrescentar a problemática em torno de sua condição de imigrante, por isso, para completarmos nosso levantamento teórico basilar para a análise dos contos de Adichie, acrescentamos a discussão sobre a diáspora moderna.

Brah (2002, p. 182) explica que, ao tentarmos explicar o fenômeno da diáspora, é preciso levar em conta algumas questões não só como “quem viaja, mas quando, como e sob que circunstâncias? Que condições socioeconômicas, políticas e culturais marcam as trajetórias dessas viagens? Que regimes de poder inscrevem a formação de uma diáspora específica?” (BRAH, 2002, p. 182, tradução nossa). Tais questionamentos são importantes, pois a partir deles é possível mapear as circunstâncias que levam o sujeito a sair de sua terra natal e se aventurar em um mundo novo.

A imigração pode agravar drasticamente a problemática em torno da identidade, principalmente daqueles sujeitos etnicamente marcados que se mudam para países onde a população é majoritariamente branca. Brah (2002, p. 183-184) explica que no seio da discussão em torno do conceito de diáspora está o problema da alteridade. A autora explica que “geralmente presume-se que existe apenas um Outro dominante cuja onipresença dominante circunscreve construções do ‘nós’ (BRAH, 2002, p. 184, destaques da autora, tradução nossa). Assim, além de sofrerem com o impacto da mudança cultural, geográfica que, geralmente, os coloca longe de sua família, acarretando problemas emocionais, os muitos sujeitos diaspóricos precisam lidar com o preconceito racial. Com essa discussão em vista, passemos à análise dos contos.

Resultados e Discussões

The Thing Around Your Neck

The Thing Around Your Neck é um conto narrado em segunda pessoa que descreve a história de Akunna, uma garota nigeriana que se mudou para os Estados

Unidos e foi morar com um tio. A partida de Akunna foi marcada por incentivos de seus tios, amigos e família que acreditavam que ela tinha ganhado na loteria por poder ir aos Estados Unidos. Seus tios acreditavam que morando lá a vida da sobrinha melhoraria e em pouco tempo ela conseguiria um carro e uma casa grandes. Essa visão que a família de Akunna tinha dos Estados Unidos de lugar onde a vida era melhor, de modernidade e de avanço se assemelha ao binarismo do sujeito dominado e do sujeito dominador (BONNICI, 2012), visto que os Estados Unidos, por serem um país considerado desenvolvido, detém a cultura e o estilo de vida desejados, assim como a estabilidade financeira, e a Nigéria, por ser um país colonizado por homens brancos, britânicos, carregava a imagem de inferior, primitivo e dependente mesmo depois de tornar-se independente.

O processo de migração da personagem é percebido por sua família como sendo uma diáspora no sentido de proporcionar a esperança e um novo começo, algo que ela não teria se permanecesse em seu país de origem, uma vez que um dos motivos predominantes para que a diáspora ocorresse, no final do século XX e início do século XXI, era o econômico, e os Estados Unidos permanecem como sendo a maior potência econômica do mundo. Brah (2002, p. 190) mostra que essa visão de esperança e recomeço, como ocorre com a família e amigos de Akunna, também é passível de acontecer juntamente àquela de separação e deslocamento que provoca traumas no indivíduo que sofre o processo de migração, até por conta de esta nem sempre ser considerada forçada.

O primeiro contato de Akunna com a cultura americana foi através de um cachorro-quente, que a fez se sentir enjoada, mas que seu tio havia comprado como uma introdução à cultura. Em seguida, seu tio explica que valia a pena morar em uma cidade de brancos mesmo que sua mulher perdesse uma hora de carro para achar um salão que cuidasse de cabelos crespos, pois nos Estados Unidos era dando que se recebia, dava-se muito, mas recebia-se muito também. Percebe-se, nos ensinamentos do tio de Akunna, a questão da identidade do sujeito sociológico, exposto por Hall (2006, p. 10-13), que seria aquele que forma sua identidade por meio do contato com outros indivíduos, ou seja, por morar em uma cidade de brancos, em um país onde o racismo predominava, a saída para Akunna ser bem sucedida seria abdicar dos costumes que tinha na Nigéria e adaptar-se ao modo de vida americano, adaptar sua identidade a partir do contato que teria com os indivíduos dessa nova cultura, o que incluiria comer o tipo de comida deles mesmo que isso a deixasse enjoada, além de ter paciência o suficiente para buscar um salão que cuidasse de maneira adequada do seu tipo de cabelo, visto que essas atitudes seriam ínfimas perto da grande oportunidade de morar num país considerado desenvolvido.

Frequentemente as mulheres brancas que Akunna passa a ter contato a questionavam sobre a sua cultura, mostrando ignorância em relação ao outro diaspórico vindo de África, como se a Nigéria e seus habitantes não pertencessem ao planeta globalizado em que vivemos:

[...] onde você tinha aprendido a falar inglês, se havia casas de verdade na África e se você já tinha visto um carro antes de vir para os Estados Unidos. Olharam boquiabertas para o seu cabelo. Ele fica em pé ou cai quando você solta as tranças? Elas queriam saber. Fica todo em pé? Como? Por quê? Você usa pente? Você sorria de um jeito forçado enquanto elas faziam essas perguntas (ADICHIE, 2017, p. 60).

O comportamento racista das mulheres brancas e americanas no excerto pode ser visto como uma consequência do colonialismo, visto que uma das armas usadas durante tal processo foi a discriminação do colonizado com relação ao colonizador, a ideia de inferioridade da cultura dos colonizados em comparação a do colonizador, assim como o imperialismo racial que se mantinha através da noção de supremacia branca que ainda fazia com que as mulheres brancas, mesmo sofrendo com a opressão do sexismo, se sentissem no direito de serem opressoras em relação aos homens e mulheres negras (hooks, 2014, p. 87).

Apesar de mostrar à Akunna que ela deveria se adaptar a esse tipo de comentário e ao tipo de cultura dos americanos, em sua residência, seu tio e família ainda se comunicavam em igbo e cozinhavam comidas típicas da Nigéria, atitudes que fizeram Akunna sentir-se em parte em casa. Isto parece indicar que apesar de agir como sujeito sociológico, comer cachorro-quente, se adaptar à cultura americana, o tio de Akunna e sua família se encaixam, na verdade, no conceito de sujeito pós-moderno (HALL, 2006, p. 11-13), por serem dotados de mais de uma identidade, muitas vezes contraditórias e que estão em constante mudança dependendo do momento vivido.

Em geral, para os imigrantes terem maiores oportunidades nos países que os acolhem é necessário que se esforcem o dobro, assim, no caso da família de Akunna, fora de casa é melhor que a cultura americana seja predominante, enquanto dentro de casa, lugar onde não é necessário determinado comportamento, a cultura de origem, nigeriana, no caso, pode ser praticada sem problemas.

Em conjunto à identidade de sujeito pós-moderno, esse contato com a cultura da terra natal que a família do tio de Akunna busca manter dentro de casa é entendido como uma consequência da diáspora contemporânea, visto que a família de seu tio não abdica de sua cultura de origem mesmo precisando se expor à cultura na qual está inserida no momento.

Mesmo sentindo-se em casa, Akunna se viu obrigada a fugir, em consequência de seu tio ter tentado abusá-la sexualmente alegando que ela não era mais uma criança:

Depois que você o empurrou para longe, ele se sentou na sua cama — a casa era dele, afinal de contas —, sorriu e disse que você não era mais criança, já tinha vinte e dois anos. Se você deixasse, ele faria muitas coisas por você. As mulheres espertas faziam isso o tempo todo. Como você achava que aquelas mulheres com bons salários em Lagos conseguiam aqueles empregos? E até as mulheres em Nova York? (ADICHIE, 2017, p. 60-61).

O abuso sexual, assim como as tentativas, sofridos pela mulher negra se intensificaram a partir da época da escravidão, período no qual as escravizadas eram obrigadas a ter relações sexuais com os homens brancos para quem trabalhavam, por bem ou por mal, além de trabalharem junto aos homens negros, fazendo serviços braçais, quando era conveniente aos homens brancos, como exposto por Davis (2016, p. 25). Todavia, após a emancipação, os abusos não cessaram e imagem da mulher negra, que já estava vinculada à promiscuidade, à ideia de serem sexualmente ávidas e permissíveis foi reforçada, fazendo com que não só homens brancos, mas também homens negros se sentissem no direito de violar qualquer mulher negra que se relacionassem (hooks, 2014, p. 40). Portanto, para o tio de Akunna, a tentativa de abusá-la era considerada normal, parte da cultura na qual ele estava inserido.

Akunna foge e sua única opção é pedir emprego em uma lanchonete, se sujeitando a receber menos que as garçonetes brancas para aumentar a probabilidade de ser contratada. Havia um quarto nos fundos da lanchonete, o qual o dono lhe oferece para ficar. O dinheiro que ganhava como garçoneiro lhe rendia apenas para o aluguel, pois o resto era enviado à família, sem uma carta, pois ela não sabia o que escrever por mais que quisesse. Além de não escrever, Akunna não consegue mandar os presentes que lhe pediam, por conta do valor baixíssimo de seu salário, assim como não tinha coragem de contar sobre o ocorrido com o tio, deixando todos sem saber onde ela estava e gerando em si mesma a sensação de sufoco e frustração.

Ninguém sabia onde você estava, pois você não contou. Às vezes, você se sentia invisível e tentava atravessar a parede entre o seu quarto e o corredor e, quando batia na parede, ficava com manchas roxas nos braços. Certa vez, Juan perguntou se você tinha um namorado violento, pois ele daria um jeito nele, e você deu uma risada misteriosa.

À noite, algo se enroscava no seu pescoço, algo que por muito pouco não lhe sufocava antes de você cair no sono (ADICHIE, 2017, p. 62).

Na tentativa de ter uma vida melhor em um país cuja propaganda promete um sonho americano de liberdade, sucesso e prosperidade, Akunna abandona a própria cultura e as dificuldades enfrentadas em seu próprio país, porém, ao perceber que não seria tão simples como pensava, a sensação de invisibilidade toma conta e sua identidade passa a ser questionada. Os motivos de permanecer exercendo uma função que não seria sua primeira escolha, viver com nada mais que o básico por falta de condição, abdicar da universidade e ouvir comentários e perguntas racistas passam a sufocá-la, assim como a certeza de que não receberia apoio se revelasse a tentativa de abuso sexual por parte de alguém da família e quisesse voltar para onde ela sentia ser seu verdadeiro lar.

Supõe-se que a narração em segunda pessoa reforce as ideias de invisibilidade, falta de identidade e sufoco sofridas por Akunna, uma vez que a protagonista não tinha

voz nem em seu país de origem e muito menos em um país estrangeiro, completamente racista e patriarcal, no qual ela se obrigava a aceitar migalhas para poder sobreviver.

A questão da identidade de Akunna começa a incomodá-la ainda mais quando ela se envolve com um homem branco, cujos olhos eram da cor de azeite de oliva, sendo essa a única coisa que ela realmente gostava dos Estados Unidos. Além disso, esse homem parecia respeitar e entender um pouco de sua cultura e costumes. Os dois conversam várias vezes até que Akunna sentiu-se confortável para sair com ele. Em uma dessas conversas, eles estão no restaurante preferido do namorado e

ele disse ao garçom que tinha ido recentemente a Xangai e que falava um pouco de mandarim. O garçom ficou animado, falou qual era a melhor sopa e depois perguntou: “Você tem namorada em Xangai agora?”. Ele deu um sorriso, sem dizer nada.

Você perdeu o apetite, como se houvesse algo entupido no fundo do seu peito. Naquela noite, você não gemeu quando ele estava dentro de você, você mordeu os lábios e fingiu que não tinha gozado, porque sabia que ele ia se preocupar. Mais tarde, contou para ele por que estava chateada, dizendo que, apesar de vocês irem ao Chang’s juntos com tanta frequência, apesar de terem se beijado logo antes de o garçom trazer os cardápios, aquele chinês presumiu ser impossível que você fosse namorada dele, e ele apenas sorriu, sem dizer nada. Antes de pedir desculpas, ele olhou para você com uma expressão vaga, e você soube que ele não tinha entendido (ADICHIE, 2016, p. 64).

Novamente, Akunna se vê como mulher-objeto, assim como o tio a havia tratado. Além disso, Akunna se incomodava como os tipos e quantidades de presentes que o homem lhe dava, sem se importar com seu gosto e preferência, então começou a guardá-los para seus parentes e amigos que estavam na Nigéria. Algum tempo depois ele resolve que gostaria de ir a Lagos com ela, oferece o dinheiro das passagens e tudo mais, porém Akunna recusa e os dois discutem:

Ele disse que queria muito conhecer a Nigéria e podia comprar passagens para vocês dois. Você não queria que ele pagasse para você visitar seu próprio país. Não queria que ele fosse à Nigéria, que a acrescentasse à lista de países que ele visitava para admirar-se com as vidas dos pobres que jamais poderiam admirar a vida dele. Você disse isso a ele num dia ensolarado em que ele a levou para conhecer o Estuário de Long Island, e vocês dois discutiram, erguendo as vozes ao caminhar na beira da água calma. Ele afirmou que você estava errada em dizer que ele tinha orgulho demais de suas próprias virtudes [...] Ele saiu correndo para longe de você, com a pele branca à mostra da cintura para cima, os chinelos jogando a areia no ar, mas então voltou e estendeu a mão para você. Vocês fizeram as pazes, fizeram amor e passaram a mão nos cabelos um

do outro, o dele macio e louro como a palha do milho que cresce balançado ao vento, o seu escuro e elástico como o forro de um travesseiro (ADICHIE, 2016, p. 64-65).

O conhecimento sobre outras culturas, que o namorado de Akunna tinha, assim como ter olhos da cor da única coisa que ela gostava naquele lugar, o azeite de oliva, e o fato de não a fazer sentir invisível exerciam um encanto sobre ela, porém, ao longo do relacionamento, é perceptível a tentativa sutil de dominação e de desintegração da identidade cultural de Akunna por parte dele. A desintegração cultural, segundo Hall (2006), acontece por conta da tentativa de homogeneizar as diferentes culturas, porém, ainda haverá uma cultura que tenta se sobressair.

É o que acontece com a cultura americana do namorado de Akunna em relação à cultura nigeriana dela. Por mais que se interessasse em conhecer os países africanos, ao se relacionar com Akunna ele, sutilmente, lhe mostra que os padrões americanos devem ser seguidos, mediante presentes de decoração que não fazem sentido para ela, a roupas e sapatos que não são comuns ao estilo dela e até ao vomitar após experimentar a sopa nigeriana feita por ela, não se importando com o que ela gosta e com o que ela é.

Observamos também a dupla colonização da Akunna, quando seu namorado não diz ao garçom do restaurante chinês que eles eram um casal, de maneira que deixa subentendido ser mais provável haver um relacionamento sério entre um branco e uma chinesa do que um branco e uma negra.

O momento decisivo para Akunna foi quando ela recebeu uma carta de sua mãe dizendo que seu pai havia morrido. Ela se questiona sobre o que estava fazendo no momento da morte dele e resolve voltar para a Nigéria. Quando o namorado tenta voltar junto, Akunna diz que precisa ir sozinha e não responde se voltará. É possível inferir que não saber da morte do pai e cogitar a possibilidade de estar se submetendo a algo que ela não acreditava a tenha feito reconhecer que sua identidade estava se perdendo, e para recuperá-la deveria voltar à Nigéria, onde moravam seus amigos e família e ela não precisaria ouvir perguntas desnecessárias e racistas, nem comer comidas que a deixassem enjoada, nem se submeter a relacionamentos abusivos que tentassem mudá-la.

Arrangers of marriage

Arrangers of marriage é um conto narrado em primeira pessoa, cujo ponto de vista é o de Chinaza, uma garota nigeriana que os tios arranjaram um casamento com Ofodile, também nigeriano, mas que, por conta da faculdade de medicina, morava nos Estados Unidos. O desconforto de Chinaza já se torna perceptível nas primeiras linhas do conto, quando começa descrevendo o lugar onde iria morar a partir daquele momento:

Meu novo marido tirou a mala do táxi e entrou no prédio antigo, subiu uma escada sombria, desceu por um corredor abafado com o carpete puído e parou diante de uma porta. O número 2B, esculpido toscamente num metal amarelado, estava colado nela. “Chegamos”, disse ele. Ele tinha usado a palavra “casa” para se referir ao lugar onde íamos morar (ADICHIE, 2017, p. 86).

Não sendo o suficiente casar-se com um estranho, sair de sua terra natal e deixar a cultura de origem, Chinaza se muda para um país que era, entre outras coisas, racista e xenofóbico:

O voo de dez horas de Lagos até Nova York e a espera interminável enquanto a agente americana da alfândega remexia minha mala tinham me deixado aturdida, como se minha cabeça estivesse cheia de chumaços de algodão. A agente examinara os alimentos que eu tinha trazido como se fossem aranhas, com os dedos enluvados cutucando as sacolas impermeáveis de *egusi* moído, folhas de *enugbu* secas e sementes de *uziza*, até confiscar as sementes. Teve medo de que eu fosse plantá-las em solo americano. Não importava que as sementes houvessem passado semanas secando ao sol e fossem tão duras quanto um capacete de bicicleta (ADICHIE, 2017, p. 86).

O ato de revistar os pertences em situações como a de Chinaza é comum, um método de segurança, porém, percebe-se que a probabilidade de a agente ter recolhido as sementes dela deve-se ao fato de ela ser negra e pertencente a uma cultura desvalorizada pela americana. Segundo hooks (2014, p. 87), a compreensão de racismo para os americanos é limitada, uma vez que eles acreditam que a opressão só aconteceria por uma experiência pessoal direta e, no entender da agente, no conto, ela estaria sendo cautelosa, apenas. Em adição à opressão sofrida por Chinaza no aeroporto, havia comportamentos que seu marido a proibia de ter, pois na concepção dele, só assim se conseguiria algo nos Estados Unidos. Dentre esses comportamentos estava o uso da língua igbo:

“Biko, eles não têm um ascensor?”, perguntei. Pelo menos, uma vez, no prédio do governo local, eu tinha andado no ascensor barulhento, que tremia durante um minuto inteiro antes que as portas abrissem.

“Fale inglês. Tem gente atrás de você”, sussurrou ele, me puxando na direção de um balcão de vidro repleto de joias que brilhavam. “É elevador, não ascensor. Os americanos dizem elevador.” [...]

[...] “Nno”, disse eu. “Trabalhou bem?”

“Você tem que falar inglês em casa também, amor. Assim, se acostuma” (ADICHIE, 2017, p. 90-91).

Além da língua, Chinaza era incentivada a modificar sua alimentação. Em determinado momento, seu marido lhe dá de presente um livro de receitas tipicamente americanas explicando: “Não quero que a gente fique conhecido como as pessoas que espalham o cheiro de comida estrangeira pelo prédio”, disse (ADICHIE, 2017, p. 91).

Chinaza reluta em aceitar as modificações que o marido tanto insistia para que ela realizasse em sua cultura, mas o que mais a choca em relação à cultura é o abandono do nome nigeriano e a adoção de um americano:

“Ninguém me chama de Ofodile aqui, aliás. Eles me chamam de Dave” [...]

[...] “Dave?” Eu não sabia que ele tinha um nome inglês. Os convites do nosso casamento diziam “Ofodile Emeka Udenwa e Chinaza Agatha Okafor”.

“O sobrenome que eu uso aqui é diferente também. Os americanos têm dificuldade em dizer Udenwa e, por isso, eu mudei.”

“Como é?” Eu ainda estava tentando me acostumar com Udenwa, um nome que só conhecia há poucas semanas.

“Bell”

“Bell!” Eu tinha ouvido falar de um Waturuocha que mudou para Waturu nos Estados Unidos, de um Chikelugo que assumiu o nome mais fácil para os americanos de Chikel, mas de Udenwa para Bell?

“Bell não se parece nada com Udenwa”, comentei.

Ele se levantou.

“Você não entende como as coisas funcionam neste país. Se você quiser chegar a algum lugar, tem que ser o mais normal possível. Se não for, vai ser largada na beira da estrada. Tem que usar seu nome inglês aqui”

“Eu nunca usei, meu nome inglês só existe na minha certidão de nascimento. Fui Chinaza Okafor minha vida inteira”

“Você vai se acostumar, amor”, disse ele, esticando a mão e fazendo um carinho na minha bochecha. “Pode acreditar”

Ao preencher um formulário para requerer meu número de seguridade social no dia seguinte, o nome que ele colocou em letras maiúsculas foi AGATHA BELL (ADICHIE, 2017, p. 88).

A desintegração cultural, discutida por Hall (2006), pela qual Akunna passa, também ocorre com Chinaza, todavia o namorado de Akunna já era americano e Ofodile/Dave estava abdicando de sua cultura de origem em favor da cultura do país onde morava no momento. Esse abandono da cultura de origem, que acontece com o marido de Chinaza, é, além de desintegração cultural, uma consequência da diáspora voluntária sofrida por ele, pois assim como não houve resistência em mudar-se para um país onde achava que teria mais oportunidades de manter uma vida confortável, também não houve ao misturar-se à cultura dos americanos, abdicando completamente de sua cultura de origem, para que a possibilidade de sucesso de sua inserção fosse maior. Ofodile/Dave, entretanto, não deixa escolha para Chinaza, ele

faz com que ela aja da maneira que ele acha correta para que a cor de suas peles e sua nacionalidade não comprometam a vida dele nos Estados Unidos, fazendo com que Chinaza seja duplamente colonizada, assim como Akunna, uma vez que deveria ser submissa ao marido e à cultura americana, a qual estavam inseridos no momento.

Chinaza parece aceitar as ordens de seu marido para um bom convívio, contudo, ela encontra uma forma de continuar agindo da maneira que acredita ser correta “Ele comeu algumas batatas oleosas antes de responder. Nós falávamos apenas em inglês agora; ele não sabia que eu falava igbo sozinha enquanto cozinhava e que tinha ensinado Nia a dizer “estou com fome” e “até amanhã” em igbo” (ADICHIE, 2017, p. 93). Chinaza usar a língua igbo enquanto seu marido não está em casa pode ser entendido como um ato de descolonização da cultura. Bonnici (2012, p. 38-39) afirma que a descolonização da cultura é uma maneira de manter intacta a situação social e política da mulher de países colonizados onde a descolonização acontecia, também, por meio da tradição oral. Portanto, toda vez que Ofodile/Dave estava ausente, Chinaza usa sua língua materna como resistência pacífica à tentativa de colonização de seu marido sobre ela.

Por outro lado, o paternalismo extremo de seu marido ao lhe dizer tudo o que ela deveria fazer, tentando soar preocupado com ela, se caracteriza como uma dupla colonização, visto que o comportamento do marido a objetificava:

Meu marido me acordou imprensando seu corpo pesado em cima do meu. Seu peito achatou os meus seios.

“Bom dia”, eu disse, abrindo meus olhos grudados de sono. Ele grunhiu, um som que podia ser uma resposta ao meu cumprimento ou parte do ritual que estava realizando. Ele ergueu seu corpo para puxar minha camisola até acima da minha cintura.

“Espere...” eu disse, para que ele me deixasse tirar a camisola, para que não parecesse tão rápido.

[...]

“Sei que daqui a pouco você vai saber fazer uma ótima comida americana”, disse ele, me puxando para si (ADICHIE, 2017, p. 86-87; 92).

A imagem estereotipada da mulher negra como sendo permissiva e disponível se torna mais forte e presente uma vez que Chinaza havia se tornado esposa de Ofodile/Dave, pois, por conta de uma cultura patriarcal no casamento, o homem tratava a mulher como subordinada a ele, como propriedade e, conseqüentemente, disponível às vontades dele independentes das de sua esposa, como nota-se nos excertos os quais ilustram a falta de preocupação de Ofodile/Dave com o desconforto e a falta de desejo de Chinaza.

A objetificação de Chinaza por parte de Ofodile/Dave, assim como a imagem de subordinada ao casamento e, conseqüentemente, a ele se tornam fortemente evidentes quando conversam sobre o visto de trabalho e descobre que ele já havia sido casado:

“Você já tinha sido casado antes?”, perguntei, entrelaçando os dedos porque eles tinham começado a tremer. [...]

[...] “Foi só no papel. Muita gente da Nigéria faz isso aqui. É um negócio, você dá dinheiro para a mulher e vocês preenchem uns formulários, mas, às vezes, dá errado, e ela ou se recusa a se divorciar de você ou decide o chantagear” [...]

[...] “Ofodile, você devia ter me contado isso antes”

Ele deu de ombros. “Eu ia contar”, disse.

“Eu merecia saber antes de nós nos casarmos” Afundei na cadeira diante dele devagar, como se ela fosse quebrar se eu não fizesse isso. “Não ia ter feito diferença. Seus tios já tinham decidido. Você ia dizer não para as pessoas que cuidaram de você desde que seus pais morreram?” [...]

[...] “Além do mais, do jeito que as coisas andam ruins na Nigéria, o que você teria feito?”, perguntou ele.

“Não tem gente com mestrado desempregada, andando pela rua sem rumo?”,

acrescentou, friamente.

“Por que você casou comigo?”, perguntei.

“Eu queria uma esposa nigeriana e minha mãe disse que você era uma menina boa, tranquila. Disse que talvez fosse até virgem”, disse ele, sorrindo, e parecendo ainda mais cansado ao fazê-lo. “Eu provavelmente deveria contar a ela que estava muito enganada”

[...] “Eu fiquei feliz quando vi sua foto”, continuou ele, estalando os lábios. “Você tinha a pele clara. Eu tinha que pensar na aparência dos meus filhos. Negros de pele clara se dão melhor nos Estados Unidos”

Eu fiquei observando-o comer o resto do frango empanado e notei que não terminou de mastigar antes de tomar um gole d’água (ADICHIE, 2017, p. 94).

Hooks (2014) argumenta sobre a criação de uma hierarquia social baseada no sexo e na raça que trazia os homens brancos em primeiro lugar, as mulheres brancas em segundo, os homens negros em terceiro e as mulheres negras por último, em quarto lugar. Essa hierarquia pode ser entendida como um dos motivos pelos quais Chinaza não abandonou tudo e começou de novo, como fez Akunna. Chinaza não tinha alternativa, pois o arranjo do próprio casamento tinha partido de seus tios e ela não poderia desapontá-los:

“O que nós não fazemos por você? Criamos você como se fosse nossa filha e agora lhe arrumamos um *ezigbo di!* Um médico nos Estados Unidos! É como se tivéssemos ganhado a loteria para você!”, dissera a tia Ada. [...]

[...] Eu agradei aos dois por tudo — me arrumar um marido, me receber em sua casa, me comprar um par de sapatos novos a cada dois anos. Era a única maneira de não ser chamada de ingrata. Não lembrei a eles que queria fazer o exame nacional de admissão de

novo e tentar entrar numa universidade, que enquanto estava no ensino médio, graças a mim a padaria da tia Ada vendera mais pão do que todas as outras de Enugu, que os móveis e assoalhos da casa brilhavam por minha causa (ADICHIE, 2017, p. 87).

A hierarquia exposta por hooks (2014, p. 40), a falta de escolha e de liberdade das mulheres são entendidas como uma consequência do patriarcalismo que, como afirmado por Adichie (2014, p. 8), cria as mulheres para serem benquistas, não demonstrarem sentimentos negativos e não discordarem. Foram estas consequências e crenças que levaram Chinaza a obedecer a seus tios quando eles a faziam trabalhar por eles, limpar a casa deles, abdicar da faculdade e, por fim, se casar com um homem que ela não conhecia para mudar-se para um país que ela não compreendia os costumes e a cultura.

Mesmo resistindo às mudanças, a personagem se viu em conflito com sua identidade em alguns momentos:

No shopping, o chão brilhava, liso como cubos de gelo, e o teto, alto como o céu, cintilava, repleto de minúsculas luzes etéreas. Eu me senti como se estivesse em um mundo físico diferente, em outro planeta. As pessoas que passavam esbarrando em nós, até as negras, ostentavam as marcas do estrangeiro, da alteridade, em seus rostos.

“Antes, vamos comer pizza”, disse ele. “É uma coisa dos Estados Unidos que você tem que amar” [...] (ADICHIE, 2017, p. 89-90).

Adichie (2014, p. 10) argumenta que somos seres sociais e internalizamos as ideias por meio da socialização. Portanto, pode-se inferir que Chinaza estava em crise por estar acostumada socialmente com o funcionamento da cultura nigeriana e socializar com a cultura americana, a qual ela não estava preparada para lidar, tenha a feito criar uma barreira para que isso não interferisse na identidade carregada por ela durante sua vida na Nigéria. Hall (2006), corrobora sobre a mudança que a modernidade causa nas identidades sociais, abrindo novas possibilidades e lacunas a serem preenchidas dependendo do momento vivido pelo indivíduo. Finalmente, no caso de Chinaza, as novas possibilidades pareciam não ser uma opção, tanto que, ao descobrir que o marido já havia se relacionado com a única pessoa com quem ela se sentia confortável, ela simplesmente volta ao apartamento onde mora para ficar perto do marido ao invés de abandoná-lo, afinal, o que ela poderia fazer sozinha naquele país? Portanto, as lacunas que ficavam e a não resistência deviam-se aos costumes que ela ia abandonando e não conseguia preencher com o que aprendia da cultura na qual estava inserida naquele momento, como, por exemplo, sentir prazer em comer pizza, *fast food*, comprar carne embalada, enfrentar o marido para poder procurar um emprego, entre outros.

Considerações finais

Partindo do objetivo de analisar a identidade da mulher negra imigrante dos contos *The Thing Around Your Neck* e *The Arrangers of Marriage*, de Chimamanda Ngozi Adichie, observou-se que as duas personagens foram influenciadas por suas famílias a se mudarem para os Estados Unidos em busca de uma vida melhor, visto que as duas moravam na Nigéria, país que passou pelo processo de colonização e que ainda sofre com suas drásticas consequências. A visão de superioridade estadunidense sobre a Nigéria é entendida como um binarismo do sujeito dominado e do sujeito dominador, uma vez que, por ser considerado a maior potência econômica mundial, por ter avanços tecnológicos e ser detentor do modo de vida e cultura desejados ao redor do mundo, os Estados Unidos se tornam o modelo de país para se viver, desvalorizando, assim, qualquer outro país que possua uma cultura diferente.

O resultado desse binarismo é a diáspora sofrida pelas personagens dos contos, que migraram devido à visão de esperança e recomeço que suas famílias tinham em relação ao país para o qual foram. Como discute Brah, “diásporas são potencialmente, também, lugares de esperança e novos começos. Elas são terrenos culturais e políticos disputados, onde memórias individuais e coletivas se colidem, se reagregam e se reconfiguram” (BRAH, 2002, p. 193, tradução nossa), portanto as famílias das protagonistas se encaixam no perfil das famílias dos imigrantes da vida real.

Todavia, o contato com a cultura estadunidense traz consequências à identidade das personagens quando estas acabam passando por situações de racismo, de machismo e pela dupla colonização por parte de seus parceiros ou família. Akunna, primeiramente, é ensinada por seu tio a se comportar, o que comer e dizer para conseguir ser bem sucedida no país em que estava, e em seguida pelo homem branco com quem mantinha um relacionamento.

Já Chinaza é obrigada a abandonar sua língua materna, seu nome nigeriano e costumes, além de ser objetificada por seu marido que conheceu há pouco tempo. Esses ‘ensinamentos’ que os namorados e família das personagens tentam passar a elas são vistos como a questão da identidade do sujeito sociológico, de Hall (2006, p. 11), ou seja, para que Akunna e Chinaza conseguissem ser alguém nos Estados Unidos, estas deveriam moldar-se ao modo de vida americano a partir do contato que teriam com os sujeitos. Isso incluiria comer as comidas deles e não mais cozinhar comidas típicas da Nigéria, falar somente em inglês e não mais em igbo, vestir-se da maneira como eles se vestiam, usar nomes adequados, entre outros. Como consequência à identidade do sujeito sociológico imposta às personagens, acontece a desintegração cultural (HALL, 2006), responsável pela homogeneização de diferentes culturas, mas sempre com uma delas se sobressaindo, a qual, no caso das personagens, seria a estadunidense.

Percebe-se a dupla colonização da mulher negra na tentativa de abuso sexual por parte do tio de Akunna, uma atitude considerada normal e que fazia parte da cultura na qual ele estava inserido, que pregava uma imagem negativa

e de promiscuidade da mulher negra, ignorando o fato de estas serem sujeitos, possuidoras de vontades e opiniões, merecedoras de respeito tanto quanto qualquer outro, independente da etnia e do gênero, e, posteriormente, pelo namorado que tenta moldá-la de maneira que ela passe a se encaixar na cultura dele.

Chinaza sofre com a dupla colonização assim como Akunna, ao ser tratada como um objeto sexual e ser repreendida ao demonstrar sua cultura nativa por seu marido Ofodile/Dave, que parecia não se importar com a subjetividade da esposa.

Apesar da violência sofrida pelas personagens, elas conseguiram, cada uma de uma maneira, resistir. Akunna encontra coragem para fugir da casa de seus tios e recomeçar ganhando o básico para sua sobrevivência, ouvindo comentários racistas onde trabalhava e sentindo-se sufocada e muitas vezes invisível reforçando a ideia interseccional de gênero, raça e classe pela qual a mulher negra está sujeita a vivenciar (DAVIS, 2016).

A protagonista passa a questionar ainda mais sua identidade após se relacionar com o homem branco que não a aceitava como ela realmente era e demonstrava ter vergonha de estar com ela como um casal. Contudo, ao receber uma carta de sua mãe dizendo que seu pai havia morrido, Akunna não hesita e volta à Nigéria, sozinha, sem permitir que seu namorado vá junto e sem dar uma perspectiva de volta, muito provavelmente porque ela não voltaria nunca mais. A morte de seu pai, assim como tudo pelo que ela havia passado nos Estados Unidos até aquele momento, pode ser entendido como o indicativo final de que sua identidade estava se perdendo, e para recuperá-la ela deveria voltar à Nigéria, lugar onde ela seria aceita e não seria obrigada a aguentar comentários racistas e relacionamentos abusivos que a corroessem.

Enquanto isso, Chinaza resiste por meio da descolonização cultural pacífica ao usar sua língua materna toda vez que seu marido estava fora. Todavia, apesar da protagonista tentar ao máximo resistir à nova cultura na qual se insere e criar barreiras para que ela não interferisse na identidade que ela já carregava, houve um momento em que ela se viu em uma crise de identidade por não conseguir lidar com a cultura estadunidense e resolve permanecer no país com o marido que a traía. Portanto, estima-se que a crise de identidade de Chinaza seja decorrente da não resistência a algumas opressões recorrentes e de lacunas abertas devido a costumes que ela ia abandonando e não conseguia preencher com a cultura nova na qual estava inserida.

As opressões sofridas por Akunna e Chinaza são comumente vivenciadas por mulheres negras atualmente, como consequência do pós-colonialismo e do patriarcalismo. Portanto, a partir dessa pesquisa, proporcionou-se maior visibilidade às personagens mulheres e negras, inseridas num contexto pós-colonial, além de compreender melhor as consequências do pós-colonialismo na identidade dessas mulheres.

Referências

ADICHIE, C. N. *Americanah*. Tradução: Julia Romeu. São Paulo: Companhia das letras, 2014.

ADICHIE, C. N. *Hibisco roxo*. Tradução: Julia Romeu. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

ADICHIE, C. N. *Meio sol amarelo*. São Paulo: Companhia das letras, 2017.

HALF OF A YELLOW SUN. Direção: Biyi Bandele. Produção: Andrea Calderwood. Nigéria; Reino Unido: Metro International, 2013. 1 DVD.

ADICHIE, C. N. *Para educar crianças feministas*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das letras, 2017.

ADICHIE, C. N. *No seu pescoço*. Tradução de Julia Romeu. Primeira edição, São Paulo: Companhia das letras, 2017.

ADICHIE, C. N. *Sejamos todos feministas*. Tradução: Christina Baum. São Paulo: Editora Schwarcz S.A., 2014, Livro Eletrônico. 424 posições.

ASHCROFT, B. et al. *The Empire Writes Back: Theory and practice in post-colonial literatures*. 2 ed. Routledge: London, 2004.

BONNICI, T. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Segunda edição, Maringá: Eduem, 2012.

BONNICI, T. *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências*. Maringá: Eduem, 2007.

BRAH, A. *Cartographies of Diaspora: Contesting Identities*. London: Routledge, 2002.

DAVIS, A. *Mulheres, Raça e Classe*. Tradução: Heci Regina Candiani, primeira edição, São Paulo: Boitempo, 2016.

HALL, S. *A identidade cultural na pós modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Cuacira Lopes Louro, décima primeira edição, Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOOKS, B. *I ain't a woman: Black women and feminism*. Tradução livre para a Plataforma Gueto: 2014.

HOOKS, B. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução: Ana Luiza Libânio. 3 ed. Rio De Janeiro: Rosa dos tempos, 2019.